

## MIDIATIVISMO e INTERMIDIALIDADE NA IMPRENSA NEGRA: cruzamento de fronteiras entre o jornalismo, a performance artística e o ativismo político<sup>1</sup>

André Santana<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia

### RESUMO

Como parte da pesquisa de doutoramento em Estudo de Linguagens, este artigo visa refletir sobre o jornalismo como uma forma social de conhecimento (GENRO FILHO, 1987), cujas bases norteadoras, ancoradas nas transformações do capitalismo do século XIX e nos ideais epistemológicos da racionalidade, que limitam a percepção da realidade em sua complexidade. Em contraposição, observa-se as práticas de jornalismo independente realizado por veículos midiativistas (FREITAS, 2018) e antirracistas, como os portais Mundo Negro e Correio Nagô, herdeiros da imprensa negra (PINTO, 2018), que assumem a intermedialidade (CLUVER, 2011) em ‘novos arranjos econômicos para a produção jornalística’ (FÍGARO; NONATO, 2017), mais adaptados às exigências contemporâneas da comunicação em ambiente digitais.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa negra; mídia antirracista; midiativismo; intermedialidade

### INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar resultados iniciais da pesquisa de doutoramento em andamento sobre a atuação de veículos jornalísticos digitais antirracistas, que assumem pautas e discursos de embate às hierarquias raciais que estruturam a sociedade e permanecem reproduzidas pelos meios de comunicação hegemônicos. Como recorte da pesquisa, o texto concentra-se nas formas de sustentabilidade e as estratégias de atração e interação com o público por meio das redes sociais digitais. A questão norteadora busca compreender qual a performance exigida aos comunicadores desses veículos jornalísticos na ação de informar com responsabilidade ética e compromissos políticos em um ambiente de novas dinâmicas de convergência, participação e interatividade.

As transformações experimentadas pelo jornalismo, desde o surgimento no século

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia (PPGEL/UNEB).

XVI, como espaço para o manifesto de ideias e conflitos sociais, passando pela consolidação do jornalismo informativo, com a priorização da notícia isenta, objetiva e neutra, até às novas formas de produção e circulação de informações pelas redes digitais, dialogaram intrinsecamente com o desenvolvimento do capitalismo, desde a sua fase inicial, industrial, às suas práticas contemporânea informacionais.

A informação jornalística, vale insistir, e a base técnica para sua produção (imprensa, rádio e TV) nasceram no bojo do mesmo processo de desenvolvimento das relações mercantis. Surgiu, então, o jornalismo como uma forma social de percepção e apropriação da realidade, correspondendo a um aspecto determinado da *práxis* humana. (GENRO FILHO, 1987, p.165)

As bases epistemológicas do jornalismo foram ancoradas em ideais modernos, coloniais e racionais, que orientavam a realidade a partir da centralidade do homem, branco, cristão, ocidental. Esse pensamento limitado da sociedade, além de deixar à margem modos de viver, culturas e saberes, não conseguiu garantir o valor democrático na difusão da informação, tornando a prática jornalística subordinada à lógica do lucro que comprometem as práticas jornalísticas e as condições de trabalho do profissional.

Como contraposição e resistência, coletivos de jornalistas buscam independência epistemológica, econômica e editorial, e aproveitam as novas possibilidades oferecidas pela revolução tecnológica, a quebra da centralidade do polo de emissão e o barateamento da dinâmica de produção de notícias para a realização de um jornalismo atrelado aos compromissos inaugurais da profissão em direção ao interesse público e à contribuição para a democracia e a cidadania.

Como exemplo destes novos arranjos econômicos alternativos para a produção jornalística, este texto analisa a produção dos portais Correio Nagô e Mundo Negro, veículos digitais que integram as mídias antirracistas, herdeiras da história de imprensa negra que marca a presença da população negra no Brasil. Observa-se as práticas de jornalismo independente do Correio Nagô e do Mundo Negro como experiências midiativistas (FREITAS, 2018), antirracistas, que assumem as subjetividades (MORAES, 2019) e a intermedialidade (CLUVER, 2011), contrariando as hierarquias de poder, em ‘novos arranjos econômicos para a produção jornalística’ (FÍGARO; NONATO, 2017), mais adaptados às exigências contemporâneas da comunicação em ambiente digitais.

Os jornalistas participantes desses ‘arranjos econômicos’ alternativos apropriam-se das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados horizontalmente, em busca de independência dos grandes grupos de comunicação. Apostam em um modelo de jornalismo

---

sem fins lucrativos para manterem a autonomia (FIGARO; NONATO, 2017, p.9).

Por outro lado, Lemos (2020) defende que a atual cultura digital está caracterizada pelo tripé formado pela plataformização, infraestrutura resumida em grande parte, mas não somente, pelos aplicativos e plataformas digitais; a dataficação, que transforma comportamentos em dados digitais; e a performatividade algorítmica, que induz ações e comportamento pela lógica dos algorítmicos. Para Lemos, a PDDA coloca em xeque as ideias de emancipação, liberdade e conhecimento que deram origem à cibercultura.

“Diferentemente do ambiente libertário de surgimento da microinformática e da cibercultura, estamos em meio a um capitalismo de dados, que funciona pelo controle, monitoramento, vigília dos nossos rastros digitais mais íntimos (...), atuando como um ecossistema midiático invasivo” (LEMOS, 2020, p.117).

Mesmo com as contradições, as possibilidades trazidas pelo jornalismo digital encontram um campo de exploração significativo nas novas posturas impressas pelo movimento de profissionais da comunicação empenhados em utilizar as práticas jornalísticas e o lugar de destaque social do jornalismo para denunciar o racismo e apresentar novas formas de abordagem da questão racial brasileira.

## **Imprensa Negra**

A crítica à modernidade tem possibilitado a descoberta dos processos de silenciamento, anulações, subalternizações e invisibilizações de conhecimentos não hegemônicos, ou seja, não alinhados à racionalidade eurocêntrica. Essa inferiorização de culturas como prática do colonialismo, que vem sendo estudada sob o conceito de epistemicídio (SANTOS, 2000; CARNEIRO, 2005), pode ajudar a entender a ausência das contribuições intelectuais de pessoas negras na história oficial do pensamento brasileiro.

Nesse sentido, são urgentes os estudos dedicados a recuperar os saberes produzidos pelos povos trazidos para o Brasil como escravizados, e seus descendentes. As tentativas dessa população negra de dominar as ferramentas para a elaboração e a divulgação de ideias foram sistematicamente ocultadas da historiografia legitimada. Contudo têm sido revistas por estudos que se dedicam a entender as estratégias elaboradas por intelectuais negros – escritores, jornalistas, literatos e artistas – para participação nos debates nacionais (PINTO, 2018).

A imprensa negra é herdeira das experiências de comunicação ativistas que vão

desde os Boletins Sediciosos da Revolta de Búzios, de 1798; os manifestos abolicionistas publicados por intelectuais negros na imprensa do século XIX; os veículos dirigidos por pessoas negras ou organizações negras ao longo do século XX, como o jornal Quilombo, criado por Abdias do Nascimento, em 1948; o jornal Nêgo do MNU (1989-1994), o jornal Irohin (1996 e 2010), editado por Edson Carneiro, experiência fundamental para a formação de uma geração de comunicadores empenhados a ocupar o espaço da mídia, sobretudo do jornalismo, para ecoar as reivindicações pelos direitos das populações negras<sup>3</sup>

Em oposição ao discurso hegemônico dos meios de comunicação comerciais, configurou-se no país uma tradição de imprensa negra, de veículos comprometidos com a construção de narrativas contra-hegemônicas, que encontraram, nos avanços tecnológicos e nos meios digitais, possibilidade de maior inserção de produção de outros discursos. São atuações contemporâneas de veículos e comunicadores negros que utilizam do ambiente da cibercultura para a produção e circulação de discursos jornalísticos antirracistas.

Pedro Caribé (2018) define as mídias negras como iniciativas que se relacionam direta ou indiretamente com processos políticos dos diversos movimentos negros e detém um controle de corpos negros na sua propriedade intelectual.

São formas de expressão que transitam entre a escrita literária e jornalística, e entre as imagens em movimento (audiovisual) e paradas (fotografia), independente do suporte: impresso, televisão, cinema e internet (CARIBE, 2018, p. 35).

A partir das pesquisas que se debruçaram a entender as estratégias elaboradas por intelectuais negros – escritores, jornalistas, literatos e artistas – para participação nos debates nacionais, ao longo da história (PINTO, 2018), é possível afirmar o uso da imprensa como fundamental ao longo de todo o percurso de resistência das populações negras ao racismo no território brasileiro. São construções discursivas de resistência e possibilidade de inserção de narrativas contra-hegemônicas na esfera pública política, espaço de constantes disputas por legitimação.

A imprensa negra brasileira, além de construir um noticiário crítico sobre a condição cidadã do negro no Brasil, expondo os processos discriminatórios e as violências a que essa população é submetida, tem buscado contribuir com o processo de conscientização da importância

---

<sup>3</sup> Aliadas a estas iniciativas estão as experiências no campo da imagem, seja fotografia ou audiovisual, com destaque para o acervo ZUMVI, do fotógrafo Lázaro Roberto, e as práticas cineclubistas de Luiz Orlando. Essas trajetórias estão documentadas na websérie Cinema de Terreiroiro, que resgata a história do cinema negro da Bahia através de depoimentos de profissionais de diferentes gerações e atuações no campo cinematográfico, que pode ser verificado no endereço <https://www.youtube.com/user/Cultne>

---

de valorização da negritude e a discussão da questão da cidadania negra no Brasil (ARAUJO; PERUZZO, 2021, p. 230).

Araujo e Peruzzo (2021) destacam dois aspectos mantidos pela imprensa negra ao longo da história: a difusão de conteúdos relacionados ao cotidiano dos povos negros que não são devidamente retratados nos meios de comunicação tradicionais e a aproximação entre as pautas da imprensa negra e os posicionamentos dos movimentos sociais pelo reconhecimento de direitos.

Essa é uma atribuição assumida pela imprensa negra que supre a pouca visibilidade e até depreciação por parte dos veículos hegemônicos das bandeiras de lutas defendidas pelos movimentos sociais, em especial, do movimento negro.

Para Araujo e Peruzzo (2021), a caracterização desses veículos negros como alternativos se dá pela abordagem diferenciada ou especializada (alternativa) do que é veiculado sobre a temática racial pela imprensa tradicional, justamente em razão de suas conexões com a negritude.

Nesse sentido, compreende-se que boa parte da imprensa negra brasileira é alternativa, em razão de seu comprometimento com os sujeitos e temáticas tratados de forma subalternizada pela sociedade e pela imprensa tradicional (ARAUJO; PERUZZO, 2021, p. 236).

São experiências que se enquadram na ideia de midiativismo (FREITAS, 2018), como sinônimo da comunicação comunitária e popular, realizada por grupos que produzem iniciativas de comunicação inclusiva, representativa, participativa, colaborativa e coletiva, portanto, ativista.

Além de combater as pressões do mercado dominado pelas grandes corporações de comunicação hegemônica, esses grupos oferecem visibilidade a questões antes invisibilizadas pela ausência de representação ou pela presença desqualificadora (FREITAS, 2018, p. 402).

O desafio é manter-se independente do controle financeiro e da finalidade do lucro, portanto, fora da lógica empresarial capitalista.

Será possível? Essas iniciativas são da maior importância. Se elas não almejam o lucro, devem ser sustentadas ou por grupos políticos ou por consumidores particulares, o que não deixa de ser político. (FÍGARO; NONATO, 2017, p.11)

Herdeiros de experiências da imprensa negra (PINTO, 2010) e associados a movimentos de midiativismos (FREITAS, 2018), em uma disputa de narrativas com os veículos tradicionalmente vinculados ao pensamento colonial moderno, construídos nas bases do positivismo, eurocentrismo, racismo e de uma racionalidade autolegitimadora,

as mídias digitais negras constroem novas formas de vinculação entre fontes e audiências, por meio do acionamento dos afetos (SODRÉ, 2016), da valorização das subjetividades e do questionamento da imparcialidade.

Esses veículos desenvolvem suas práticas jornalísticas a partir dos princípios da cibercultura e da convergência midiática, que são a conectividade, a inteligência coletiva e a cultura participativa. Essas mídias trazem para o tabuleiro dos embates discursivos midiáticos vozes da diferença, intelectualidades produzidas no âmbito das movimentações culturais, artísticas, sociais e políticas negras. Trazem para o campo do jornalismo novas possibilidades de abordagens, novas fontes e temáticas, em um reencontro com a função profissional de evidenciar o interesse público, denunciar violações de direitos e registrar as disputas de poder na construção da democracia e da cidadania. Como exemplar dessas práticas midiativistas no jornalismo antirracista, observa-se a trajetória dos portais Mundo Negro e Correio Nagô.

Criado em 2001, o Mundo Negro foi um dos primeiros portais feito para negros no Brasil, mantendo-se com a produção de conteúdos exclusivos para negros, produzidos por jornalistas, sendo, como mesmo se apresenta: “um espaço de notória credibilidade, o que numa era repleta de “produtores de conteúdo”, garante ao portal um destaque em comparação aos demais veículos voltados para esse público” (MUNDO NEGRO, 2023).

A nossa linha editorial se pauta em uma agenda positiva, não negando os problemas relacionados ao público afrodescendente, mas principalmente apresentando um conteúdo que divirta, informe e eleve a autoestima por meio da informação e interatividade. (MUNDO NEGRO, Quem Somos, 2023)

O Correio Nagô também é um dos pioneiros entre os veículos digitais antirracistas, criados na internet a partir dos anos 2000, como versões contemporâneas da imprensa negra do Brasil (PINTO, 2010). Criado em 2008, a partir da inquietação de jovens comunicadores, incomodados com a ausência de negros na mídia, o portal Correio Nagô nasceu com um propósito: contrapor-se as narrativas da mídia hegemônica, criando um site de notícias com a cara, conteúdo e escrito pelo povo negro (SANTANA, 2022).

As produções do Mundo Negro e do Correio Nagô possibilitam refletir sobre os temas desta representação que se pretende ser uma contra-narrativa aos discursos hegemônicos do jornalismo, mas que busca alinhar-se aos interesses dos públicos das plataformas digitais. O movimento midiativista atua em uma perspectiva que questiona a estrutura e o funcionamento dos meios de comunicação no Brasil e, ao mesmo tempo,

---

constrói produções e formas alternativas de comunicar, desta vez falando a partir daqueles segmentos sociais empobrecidos que não se enxergam muito bem na mídia tradicional (FREITAS, 2009).

O Mundo Negro é fruto da iniciativa da jornalista Silvia Nascimento, formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em São Paulo, que sempre estudou sobre Imprensa Negra e decidiu ter seu próprio site após morar e estudar em Washington DC (EUA) e ver a diversidade e qualidade da imprensa afro-americana.

Silvia Nascimento permanece como diretora de conteúdo do site Mundo Negro, curadora digital e produtora de conteúdo especializada em questões étnicas, tendo realizado o primeiro curso dedicado a realizadores negros, os black creators, no Youtube.

Já o Correio Nagô é uma das iniciativas do Instituto Mídia Étnica, organização social sem fins lucrativos, criada em Salvador, no ano de 2005. Com o mote do “direito humano à comunicação”, pregado pelo movimento pela Democratização da Comunicação, o Instituto Mídia Étnica (IME) foi criado por um grupo de jovens comunicadores incomodados com a representativa das narrativas negras nos meios de comunicação.

Em meio às estratégias de combate ao racismo na mídia, que inclui monitoramento e leitura crítica dos veículos hegemônicos, formação para as tecnologias da Comunicação e da Informação e assessoramento midiático às organizações do movimento negro, o IME criou o portal Correio Nagô, para desenvolver um trabalho colaborativo, de partilha dos conteúdos criados com a participação comunitária.

As primeiras experiências de construção do Correio Nagô foram iniciadas ainda em 2006, como um blog e uma comunidade no Nig<sup>4</sup> que utilizava as principais ferramentas tecnológicas do período e permitia a ampla colaboração dos membros na produção dos conteúdos e nas discussões em fóruns temáticos. Em 2008, o portal foi estruturado e lançado como um veículo multimídias, oferecendo conteúdo em formato de textos, fotos, ilustrações e vídeos, com uma redação própria, composta por jornalistas profissionais e comunicadores em formação, além de contribuições de colaboradores.

O nome Correio Nagô vem de uma das formas de resistência dos primeiros negros

---

<sup>4</sup>Plataforma *on-line* que permite a criação de redes sociais individualizadas, fundada em outubro de 2005 por Marc Andreessen e Gina Bianchini.

---

escravizados, que transmitiam o conhecimento e a informação através da comunicação oral:

Correio Nagô é a comunicação boca a boca entre os negros, entre a comunidade negra escravizada. Porque nas rebeliões, nos processos de luta de quilombos, essa conversa de um para o outro foi muito importante na nossa história aqui no Brasil, até porque obviamente a gente não tinha veículos (SANTANA, 2020).

O Correio Nagô continua em atividade e foi inserido em outras plataformas digitais como o Facebook, Instagram e Youtube. O veículo se destaca na produção de vídeos, disponibilizados em formato de matérias jornalísticas, entrevistas, documentários e com o programa Afro Feed, do gênero revista eletrônica. O perfil no Youtube TV Correio Nagô conta com 5,02 mil inscritos e 386 vídeos. Destes, 32 vídeos são das duas temporadas do programa AfroFeed, realizado entre 2018 e 2020. O Twitter, cuja última postagem aconteceu em 2020, possui 2.253 seguidores. No Instagram o Correio Nagô concentra 11,2 mil seguidores, somados 1.388 seguidores da TV Correio Nagô, 1.378 do perfil @afrofeed e mais 2.701 seguidores do perfil do Instituto Mídia Étnica, totalizando mais de 16 mil seguidores nos perfis administrados pelo IME / Correio Nagô.

A redação do portal está localizada no mesmo prédio onde funciona o IME, na rua Areal de Baixo, 06, no bairro do Dois de Julho, no Centro de Salvador, e conta com uma equipe de comunicadores, entre jornalistas, designers, cinegrafistas, incluindo estudantes de Comunicação, que atuam como estagiários. Sem dependência a grupos econômicos ou interesses de anunciantes, a sustentabilidade da organização é possível por meio de financiamento de organizações internacionais que apoiam a mídia livre, além de editais públicos.

Por essa razão, pode ser visto como espaço alternativo, democrático e plural das vozes dos negros na Bahia, no Brasil, no continente africano e no mundo inteiro ao apropriar-se das potencialidades das tecnologias de informação e comunicação (TIC) para desenvolver, entre seus membros, a cultura participativa concorrendo, deste modo, para o desenvolvimento da inteligência coletiva (CRUZ; DJIVE, p.13, 2013).

Com uma maior produção em todas as plataformas, o Mundo Negro mantém uma atualização constante no portal, com conteúdos próprios no formato de reportagens, entrevistas e enquetes, além do Instagram, onde reúne 786 mil seguidores, sendo a plataforma digital do veículo com maior engajamento, seguido do Twitter com 70,4 mil seguidores. No Youtube o Mundo Negro possui 889 inscritos e 24 vídeos disponibilizados.

---

No Instagram do Mundo Negro, destacam-se os conteúdos em vídeo, com músicas, humor, dicas gastronômicas e de viagem e imagens de exaltação da beleza de rostos e corpos de homens e mulheres negras. Além de enaltecer o afeto entre pessoas negras, com imagens de romance, carinhos e até sensualidade de casais negros, na diversidade de gênero e orientação sexual.

Inseridos no processo de midiatização, essas mídias estão mais flexíveis às articulações com outras linguagens discursivas, como as expressões artísticas. Para isso, as notícias são apresentadas não somente com textos e fotos, como tradicionalmente, mas também com vídeos, músicas e intervenções artísticas. Como nova exigência do campo comunicacional, os profissionais de veículos jornalísticos precisam pensar formas de interação, unindo expressões artísticas e midiáticas e “cruzando fronteiras”, em um processo de “intermedialidade” (CLUVER, 2011).

Cluver (2011) informa que, como conceito, “intermedialidade” implica todos os tipos de inter-relação e interação entre mídias. Na contemporaneidade, ampliou-se o alcance na definição de mídia possibilitando incorporar diversos produtos vinculados às artes e à comunicação, para além dos veículos tradicionais como o rádio, o cinema e a televisão.

Esse cruzamento entre arte e jornalismo sempre foi percebido em aspectos como o uso de ilustrações, infográficos e o próprio fotojornalismo que tem como base a arte da fotografia e do videografismo. Então podemos dizer que o fenômeno da “Intermedialidade”, apesar do termo ser recente, refere-se a práticas que podem ser encontradas em todas as culturas e épocas, tanto na vida cotidiana como em todas as atividades culturais que chamamos de “arte”.

A combinação de mídias encontra-se em grande parte dos produtos culturais, desde as danças e canções rituais pré-históricas até muitos textos eletrônicos digitais (dependendo do ponto de vista); ela é per definitionem um aspecto marcante de todas as mídias plurimidiáticas. (CLUVER, 2011, pág. 8)

A análise das produções do Mundo Negro e do Correio Nagô, mesmo incipiente como etapa inicial da pesquisa de doutoramento, já revela de qual modo os veículos utilizam-se da combinação de mídias (CLUVER, 2011) para dialogar com as artes e com as dinâmicas das redes sociais digitais. As linguagens artísticas são exploradas na cobertura jornalística de ambos veículos e também nas performances de apresentação dos conteúdos, que se utilizam de experiência estética para atrair o olhar e o engajamento do

---

público. A infoestética, prática que converge noções do belo para noticiar, se associa às performances populares nas plataformas digitais, como passos coreografados, dublagens, memes cômicos e vídeos em arranjos multimídias.

Nesse sentido, Mundo Negro e Correio Nagô interagem com as novas exigências do campo comunicação, fazendo uso da intermedialidades e da remediação, entre conteúdos jornalísticos e artísticos, mantendo os compromissos políticos que orientam a ação do veículo e o confere os títulos de mídia negra e midiativista.

Para essas observações, as produções dos veículos publicadas nos respectivos portais e nas redes sociais (Youtube, Twitter e Instagram) estão sendo investigadas a partir de categorias de análises tais como: linguagem, fontes, colaboração, convergência de mídias, subjetividade e performances do comunicador.

Cabe ainda investigar quais as estratégias utilizadas por veículos comprometidos com pautas urgentes e não comerciais para manter a sustentabilidade e o engajamento de públicos nas dinâmicas comunicacionais da atualidade. A pesquisa busca compreender como esses veículos mantêm discursos políticos afirmativos ao domínio da PDPA, que “cria modelos de inclusão e exclusão, ciclos de antecipação, avaliando o que é ou não relevante, sob a promessa da objetividade”. Novamente, retornam-se questões relevantes à origem do jornalismo relacionados ao controle pelo capitalismo, a contribuição à democracia e os limites da objetividade.

A metodologia utilizada da Análise de Conteúdo, a partir da sistematização oferecida por Laurence Bardin (2011), fornece instrumentos metodológicos aplicados a conteúdos midiáticos diversificados. A Análise de Conteúdo possibilita que o olhar do pesquisador oscile entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade, bem ao modo de produção de veículos midiativistas como o Mundo Negro e o Correio Nagô.

O Mundo Negro apresenta uma presença de publicidade muito evidente, por meio de anúncios tanto no portal, como nos perfis nas redes sociais. Segue, portanto, os métodos adotados pelos demais veículos jornalísticos que, ao migrarem para o ambiente digital, mantiveram a viabilidade econômica dos negócios sustentada pela publicidade de marcas e conteúdos patrocinados. Neste sentido, o Mundo Negro deixa bem evidente o entendimento de que é possível convergência entre os compromissos políticos assumidos pelo portal e a associação com anunciantes, ou seja, “na potência da parceria de marcas e publishers negros como uma forma de mudança na comunicação e sociedade brasileira

---

(MUNDO NEGRO).

Podemos juntos co-criar projetos exclusivos e de alcance qualificado. Além das publis temos grande interesse em desenvolver projetos de forma a deixar a sua marca com uma presença contínua no site em nossas redes. Conte com a gente para elaboração de projetos que respeitem a audiência de forma autêntica. (MUNDO NEGRO, Projetos – Publicidade – Parcerias, 2023)

Já o Correio Nagô apresenta uma postura mais modesta nesta relação com a publicidade, limitada a anúncios de conteúdos intrinsecamente relacionados com a pauta do combate ao racismo, mesmo quando se trata de propaganda governamental, como o banner ocupado pela Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Governo da Bahia.

É certo que o Correio Nagô integra a rede do Black Adnetwork, uma iniciativa do Alma Preta e da Zygon, unindo dados, tecnologia, mídia programática, conteúdo e propósito com o objetivo de “aproximar veículos e influenciadores negros de grandes marcas que cada vez mais percebem a importância de construir um bom relacionamento com a população afro-brasileira (CORREIO NAGÔ).

Ainda não está tão evidente a relação do portal Correio Nagô com a publicidade de marcas, o que pode ser uma etapa a ser alcançada após anos de vínculos diretos entre a sustentabilidade dos veículos e as ações de captação de recursos e parcerias feitas pelo Instituto Mídia Ética, que como organização social sem fins lucrativos, vinculado ao movimento negro, possui outros modos de viabilizar suas práticas por meio de apoiadores, financiamento por fundações e editais públicos.

A pesquisa em andamento visa justamente entender quais as estratégias de sustentabilidade dessas iniciativas jornalísticas e como se dá a relação entre o engajamento político e os interesses mercadológicos. Como manter a independência e a crítica aos modelos hegemônicos de produção e circulação de informação, atendendo às exigências da dinâmica contemporânea de midiaticização das práticas comunicacionais.

### **Arranjos econômicos para a produção jornalística**

Os portais Mundo Negro e Correio Nagô caracterizam o que Roseli Fígaro e Claudia Nonato (2017) denominaram de “novos arranjos econômicos alternativos para a produção jornalística”. Para Fígaro e Nonato (2017), o modo de apropriação dos avanços das forças produtivas na produção e na circulação de bens culturais pelo capitalismo financeiro e informacional altera as formas jornalísticas e, portanto, o trabalho do

---

jornalista.

Para Fígaro e Nonato (2017), esses arranjos econômicos colaborativos, para viabilizar o trabalho jornalístico, procuram ordenar sua prática em conexão a interesses de setores democráticos da sociedade, cujas balizas são dadas pelas conquistas civilizatórias do último século, firmadas sobretudo nos direitos da pessoa humana, na democracia, no direito de acesso à informação e ao direito à livre expressão. Além de potencializar a participação cidadã das audiências, buscam inseri-las nas dinâmicas de interação, exigindo uma nova performance por parte dos jornalistas. São as ‘utopias possíveis’ no exercício com dignidade do trabalho do jornalista (FÍGARO; NONATO, 2017, p.13).

O jornalismo, que nasce como modalidade discursiva da sociedade moderna, passa, ao longo de 200 anos, por transformações nas formas organizacionais de sua estruturação. As mudanças estão conectadas às lógicas comerciais do capitalismo e do uso que se faz dos meios de produção para a estruturação do negócio do jornalismo.

Os processos de midiatização e a chegada de novos agentes como polos de emissão implicaram novas condições de produção, circulação e reconhecimento para o discurso jornalístico. Neste sentido, grupos sociais historicamente apartados das produções midiáticas, como as populações negras, passam pouco a pouco a interagir nas produções de conteúdos, especialmente nos espaços oportunizados pelas mídias não hegemônicas. Essa dinâmica altera um processo de exclusão que compromete a contribuição do campo jornalístico para a democracia.

Diante das pressões do capitalismo informacional, da precarização das práticas jornalísticas e do trabalho, os jornalistas têm buscado novos “arranjos econômicos” para viabilizar sua atuação. Embora também precários, esses arranjos profissionais são encarados como possibilidade de mudanças nas rotinas produtivas, e incorporados como alternativos às formas de trabalho jornalístico tradicional.

Os jornalistas participantes desses ‘arranjos econômicos’ alternativos apropriam-se das tecnologias digitais da comunicação para atuar em coletivos organizados horizontalmente, em busca de independência dos grandes grupos de comunicação. Apostam em um modelo de jornalismo sem fins lucrativos para manterem a autonomia (FÍGARO; NONATO, 2017, p.9).

Assim como já foi destacado na produção jornalística dos portais Mundo Negro e Correio Nagô, Fígaro e Nonato (2019) observa que nas pautas das reportagens realizadas

---

pelos coletivos de jornalismo independentes, verifica-se que a estrutura argumentativa que norteia os enunciados é aquela sedimentada dialogicamente nos parâmetros antes estabelecidos como valores e em contraposição aos discursos restritivos que se orientam pela lógica da sinonímia dinheiro-concorrência-competência.

## Considerações

A busca do exercício profissional alinhado aos ideais do jornalismo independente ou alternativo tem aglutinado jovens e experientes profissionais em busca de ‘utopias possíveis’ no exercício com dignidade do trabalho do jornalista (FÍGARO; NONATO, 2017, p.13).

Para Freitas (2018), como o midiativismo é organizado pela coletividade, transforma-se em movimento social e prática política. Por meio de experiências de subjetividades individuais e coletivas, singulares e universais, compromissadas com a ação política, ao defenderem o reconhecimento da diversidade étnica e cultural e o combate ao racismo e à intolerância religiosa – o que contribui, de modo mais amplo, para a conquista da cidadania por grupos desprestigiados e juridicamente vulneráveis frente aos recortes de raça e etnia, gênero, classe, regionalismos, localismos e pertencimento religioso.

As mídias negras são, pois, discursos contra-hegemônicos no campo do jornalismo e ferramentas de reelaboração e de apropriação na produção de sentidos, incorporando novas vozes, perspectivas, reivindicações e afetos vindos dos movimentos sociais, artísticos e políticos antirracistas ao campo do jornalismo, rompendo com paradigmas e afirmando o ativismo, a intermedialidade e as subjetividades como elementos de fortalecimento da necessidade social do jornalismo.

Entendemos que a atuação dos portais analisados, além de possibilitar “novos arranjos econômicos para a prática jornalística”, coloca em evidência uma das mais importantes questões do campo do jornalismo: a convergência entre o direito à informação que todo cidadão tem e os interesses mercadológicos da estrutura econômica que sustenta as empresas jornalísticas.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

CANAVILHAS, João. **Webjoraismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2012. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Acesso em: 5 maio 2022.

CARIBÉ, Pedro. Mídia Negra: Experiências de enfrentamento à liberdade condicional. **Revista Afirmativa**, Salvador, n. 3, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. São Paulo: FUESP, 2005.

CLUVER, Claus **Intermidialidade**. Pós: Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8 - 23, nov. 2011

CRUZ, Dulce Maria; DJIVE, Gilberto Filimone. O Instituto Mídia Étnica como experiência da inteligência coletiva e cultura participativa. **Revista Eptic**, v. 15, n. 3, p. 131-145, 2013.

FÍGARO, Roselí; NONATO, Claudia. Novos ‘arranjos econômicos’ alternativos para a produção jornalística. **Revista Contemporânea | Comunicação e cultura: Dossiê Temático Inovação no Jornalismo: escopo e percursos**. v. 15 n. 1. Póscom, UFBA: 2017.

FREITAS, Ricardo (org.). **Mídia alter{n}ativa: estratégias e desafios para a comunicação hegemônica**. Ilhéus: Editus, 2009.

FREITAS, Ricardo. Midiativismo na Bahia: o caso do cinema de brodagem afroindígena e a rede de jovens de axé. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; MARA, Marco Túlio (org.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 399-415.

GENRO FILHO, Adelmo. **Capitalismo e jornalismo: convergências e divergências**. In O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987. pp. 165-182.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2012.

LEMONS, A. Plataformização, dataficação e performatividade algorítmica (PDPA): Desafios atuais da cibercultura. In Prata, Nair; Pessoa, Sonia C. (Orgs). Fluxos Comunicacionais e Crise da Democracia. São Paulo: Intercom, 2020, pp 117-126.

LÉVY, Pierre. **A Cibercultura**. São Paulo: 34, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro J. R. org. **Imprensa e capitalismo**. São Paulo, Kairos, 1984.

MARCONDES FILHO, C. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: Ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, jan./jun. 2019.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero**: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, Porto Alegre, 2019.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Escritos de Liberdade – Literatos Negros, Racismo e Cidadania no Brasil Oitocentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SANTANA, André. Conheça quatro veículos brasileiros de mídia negra, que fazem jornalismo antirracista e com perspectiva racial. Entrevista concedida a Marina Estarque. **Latam Journalism Review do Knight Center**, 24 nov. 2020. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/conheca-quatro-veiculos-brasileiros-de-midia-negra-que-fazem-jornalismo-antirracista-e-com-perspectiva-racial/>. Acesso em: 10 maio 2022.

SANTANA, André. Midiativismo antirracista em Salvador: experiências de comunicação comunitária na mídia digital negra. In: FERNANDES, André (org.). **Novos rumos da comunicação comunitária no Brasil**. São Paulo: Agência Nacional de Favelas – ANF, 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.